

DIVERSIDADE SEXUAL E SUA RELAÇÃO COM A CIÊNCIA E RELIGIÃO

Maria Cristina S. Furtado¹

Resumo: A especificidade da pessoa humana é um dos grandes temas da humanidade. Sua integração com a singularidade do ser é primordial para uma reflexão que trate da relação ‘diversidade sexual - ciência e religião’. Relação tensa no Brasil, quando após @²s homossexuais: conquistarem vitórias em relação aos seus direitos; serem desconsiderados ‘doentes’; integrarem-se às igrejas cristãs inclusivas; organizarem-se em grupos nas igrejas cristãs tradicionais, e católica; passam a sofrer pressão de setores religiosos, procurando impedir o avanço de seus direitos, entre outros, a rejeição da PL 122³, e a proposta de lei que deseja sustar a proibição do Conselho Federal de Psicologia⁴, d@ psicólogo@ tratar a homossexualidade como doença. Neste artigo trataremos desses temas, e veremos que, apesar de tudo, o diálogo tem avançado, e sob o olhar de Luis Carlos Susin traremos a ‘ética da alteridade’ de Emanuel Lévinas, para auxiliar na compreensão do que se encontra por trás do ‘preconceito e da discriminação’ d@ homossexual; e algumas pistas de como modificar o panorama atual.

Palavras-chave: especificidade, singularidade, homossexualidade, amor incondicional.

Abstract: he specificity of the human being is one of the great themes of humanity. Its integration with the uniqueness of the being is paramount for a reflection that deals with the relation ‘sexual diversity – science and religion’. Tense connection in Brazil, when after the conquest of victories by the homosexuals in relation to their rights – to not be considered ‘sick’, - integrated into liberal/inclusive Christian churches; - organizing themselves in groups in traditional Christian and Catholic churches; they began to be pressured by religious sectors, attempting to stop the advancement of their rights, among others, the rejection of the Law Project 122, and the legal proposal that intends to suspend the prohibition issued by the Federal Psychology Board that the psychologist treat homosexuality as a disease. In this article we deal with these themes, and we will see that, despite all this, the dialog has advanced, and under the eye of Luis Carlos Susin we will bring the ‘alterity ethics’ of Emanuel Lévinas, to help the understanding of what is behind the ‘prejudice and discrimination’ of the homosexual; and some clues as to how to change the present panorama.

Keywords: specificity, uniqueness, homosexuality, unconditional love.

¹ Doutoranda em Teologia (PUC-Rio), mcristinafurtado@hotmail.com

² Este símbolo será usado quando se fizer referência ao masculino e feminino, sem generalizar.

³ Disponível em site: <http://www.jesussite.com.br/acervo.asp?Id=836>. Acessado em 01/09/09.

⁴ Deputado João Campos (PSDB-GO), líder da Frente Parlamentar Evangélica.

Introdução

Entre as grandes questões da humanidade está a ‘especificidade da pessoa humana’. Mas, seguindo a Antropologia Teológica que nos informa que toda pessoa deve viver de forma integrada as suas dimensões, acreditamos que será importante pensar, ao desejarmos refletir sobre um dos temas polêmicos que têm surgido na América Latina nos últimos tempos, não apenas na ‘especificidade’, mas ‘na necessidade de integrar a ‘especificidade’ e a ‘singularidade’ da pessoa humana’.

Para entender esse processo, vamos começar refletindo sobre alguns significados essenciais, como: ‘especificidade’, ‘ser humano’, ‘pessoa’ e ‘singularidade’.

Entre outras definições, o dicionário nos informa que ‘especificidade’ é a “característica de uma espécie” (HOUAISS, 2009). Quanto ao ‘ser humano’, este é definido como “um animal, membro da espécie de primata bípede ‘homo sapiens’, pertencente ao gênero humano” (HOUAISS, 2009). O que significa possuir a característica ‘específica’ do ‘grupo’ do ‘ser humano’.

“No ponto de vista da fé, o que torna o ser humano único entre todas as demais criaturas é ter sido criado para receber Deus” (RUBIO, 2011, 39). E por isto mesmo, ele só é completo em Deus. Como dizia Santo Agostinho: “[...] nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (SANTO AGOSTINHO, 2000, 37).

Dessa forma, podemos concluir que para a ‘teologia’ a ‘especificidade da pessoa humana’ está em ter sido criada por Deus, para Deus, possuindo uma vocação que ultrapassa o humano, e a atrai para Deus, que a dinamiza pelo Seu amor. “Dinamismo de amor capaz de unir na própria pessoa, o humano e o divino” (RUBIO, 2011, 40). Além disso, Deus ainda lhe dá o livre-arbítrio. Liberdade com a qual escolherá acolher ou não Àquele que a completa, a ama, e deseja tê-la com Ele, Deus.

Entretanto, quando nos referimos à ‘especificidade’, falamos de uma característica que engloba todos os seres humanos, independente de sexo, religião, etnia, gênero etc. Mas, é importante refletir que, como acabamos de ver, o ser humano é pessoa, e ‘ser pessoa’ também é ‘singularidade’.

Até o início da era cristã o sentido de ‘pessoa’ era embrionário, e foi o cristianismo que trouxe esta nova dimensão: a pessoa humana. Uma noção que surgiu baseada na figura real de ‘Jesus’, que por ser considerado na revelação cristã ‘Filho de Deus’, cada ser humano, individualmente, adquiriu um valor absoluto, sendo também considerado como ‘filho de Deus’. Nesta percepção o ‘ser humano’ passou a ser percebido ‘integrado em corpo e espírito’, e segundo Mondin, “um indivíduo dotado de autonomia quanto ao ser, de autoconsciência, de comunicação e de transcendência” (MONDIN, 2009, 303).

Na atualidade, o cristianismo ocidental “tem valorizado o caráter dinâmico, histórico e funcional” (MONDIN, 2009, 249) da pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus. Como pessoa, ela é “única e irrepetível, distinta dos outros seres humanos, do cosmos e de Deus” (RUBIO, 2011, 27), chamada por Deus a autopossuir sua vida; desenvolver a capacidade livre de escolha; pensar, sentir, e agir como pessoa, com a sua vocação pessoal (RUBIO, 2011, 28). Como pessoa é ainda capaz de se relacionar de forma própria com o mundo, com os outros seres humanos, com Deus, e consigo mesmo. Embora a graça de Deus seja direcionada a todos, a pessoa a recebe individualmente, e na sua singularidade toma a decisão de acolher ou não a Deus, e como deseja acolhê-lo.

A pessoa humana ainda possui em si diversas dimensões (interiorização e abertura, espiritualidade e corporeidade, razão e afeto etc.) que se vividas na unidade trazem enorme riqueza. Nesse caso, para viver singularmente a sua especificidade, ‘a pessoa humana’ precisa desenvolver as suas dimensões de forma dinâmica e inter-relacionadas, pois todas as dimensões são importantes. E, se todas são importantes, quando nos referimos à dimensão corporal, estamos falando da ‘pessoa como um todo’, incluindo sua ‘sexualidade’ com seus desejos e orientações.

É nesse sentido que em nosso artigo trataremos da relação ‘diversidade sexual – ciência – religião’. Uma relação que há séculos tem sido marcada por conflitos.

1. Diversidade sexual e religião

Uma sociedade é caracterizada pela cultura na qual está envolvida, e o ocidente foi concebido pelos padrões do cristianismo. Dessa forma, embora no ocidente não

exista mais a aliança ‘Estado-Religião’ que durou séculos, havendo, na atualidade, uma pluralidade de religiões e valores, a religião cristã continua influenciando a sociedade. Mesmo se uma pessoa não for cristã ou religiosa, no seu inconsciente encontram-se as marcas do tempo em que havia hegemonia cristã no pensamento da sociedade.

Sem dúvida, o cristianismo trouxe valores importantíssimos para a sociedade! Entretanto, mesmo a Bíblia apresentando um ser humano integrado, com sua sexualidade valorizada. O cristianismo, já nos primeiros séculos, ao se aproximar da ‘filosofia grega’, e principalmente da ‘filosofia estoicista’, absorveu e inseriu como básico na sua compreensão, a sexualidade como algo inferior e só aceita para a procriação. Como consequência, a construção da sexualidade no cristianismo foi formada condenando todo e qualquer ato sexual que fugisse da procriação. Entre estes atos encontramos, com base “na frustração da finalidade procriadora” (VIDAL, 2008, 139), a condenação dos atos sexuais entre iguais.

É incontestável também que na Bíblia encontramos ‘a condenação de atos sexuais entre iguais’⁵, mas, a hermenêutica bíblica, ao trazer a contextualização histórica dos textos bíblicos, forneceu dados que nos permite entender que “o ato sexual entre iguais era proibido, não pelos mesmos motivos morais que, hoje, são apregoados, mas por estarem ligados à idolatria, à infidelidade de Israel a Deus, ao sacrifício de crianças” (HELMINIÁK, 1998, 49), atos vivenciados nos cultos pagãos e por isso considerados ‘traição’. Atos abomináveis, violações ao judaísmo, merecedores de pena de morte. Por este motivo, os ‘atos sexuais entre iguais’ são tratados na Bíblia no livro do Levítico, numa seção chamada ‘O Código Sagrado’, onde encontramos leis e punições para que Israel permaneça ‘sagrada’ aos olhos de IAHWEH. Leis ligadas à pureza e a impureza. É importante frisar que naquela época não existia o conceito de ‘homossexualidade’, pois este termo surgiu, apenas, no século XIX.

Ainda na contemporaneidade, a maior parte das igrejas cristãs continua a “condenar a homossexualidade”, embora haja divergência entre elas e dentro delas. Porém, de modo geral, dentro das religiões cristãs, a homossexualidade ainda é considerada um pecado abominável, um desvio, uma patologia que precisa de ‘cura’,

⁵ Entre eles, Lev 18,24; 20,13; Rm 1, 26-27.

apesar do parecer das ciências de que a homossexualidade é ‘uma variação da sexualidade’.

Mas, este assunto tem sido estudado e debatido na maioria das universidades no Brasil e na América Latina, inclusive em universidades religiosas, já havendo diversos trabalhos apresentados, publicados em congressos de teologia e revistas especializadas, tornando-se cada vez maior o número de teólog@s e exegetas que conseguem ter uma ampla visão do assunto. Cursos⁶ têm sido dados sobre este tema, além de existirem padres, pastores e leigos, dentro de suas igrejas, trabalhando com grupos LGBTTI⁷, procurando dar a eles e às famílias, acolhimento, respeito e amor, seguindo a orientação evangélica da inclusão⁸. É importante registrar que, na Igreja Anglicana há ‘dioceses’ que aceitam e acolhem a diversidade sexual⁹ e, o aparecimento das Igrejas Cristãs inclusivas¹⁰ que têm realizado um trabalho com @ cidad@o LGBTTI e sua família, levando-@s a sentirem-se incluíd@s e incentivad@s a viverem plenamente a sexualidade e a fé cristã.

2. Diversidade sexual e Ciências

No século XIX a ciência considerou a ‘homossexualidade’ como ‘doença’, mas no século XX, com o desenvolvimento das ciências sociais e psicológicas, este diagnóstico voltou a ser analisado, não sendo possível encontrar nenhuma anomalia que pudesse enquadrar a ‘homossexualidade’ na categoria de doenças mentais. Dessa forma, a partir de 1975, ‘a homossexualidade deixou de ser considerada patologia’ pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), o que foi seguido pelos demais conselhos. Em 1993 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), e em 1999 pelo Conselho Federal de Psicologia do Brasil que, inclusive proibiu o psicólogo de direcionar sua prática para a cura da homossexualidade (CFP N^o 001/99).

⁶ De abril a junho de 2010 foi realizado o primeiro ‘Curso de Educação Cristã e Diversidade Sexual’ no Centro Loyola de Fé e Cultural da PUC-RIO.

⁷ Sigla que representa lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais.

⁸ Um exemplo é o trabalho feito pelo Pe. Luis Correia Lima que coordena o grupo de pesquisa “Diversidade sexual, Cidadania e Religião” da PUC-RIO, um grupo de oração e leitura bíblica formado por LGBTTIs e, junto com a sua equipe, promove cursos sobre Diversidade sexual - Cidadania e Religião.

⁹ Gene Robson, homossexual assumido, foi eleito bispo por uma diocese da Igreja Anglicana.

¹⁰ No Rio de Janeiro há a Igreja Betel e a Igreja Contemporânea.

Entretanto, alguns profissionais, baseados em Freud, continuaram acreditando ser viável submeter @ homossexual a uma terapia de ‘reversão’ ou ‘cura’. Para aumentar a polêmica, em 2001, Dr. Spitzer, renomado psiquiatra, e um dos responsáveis pela retirada da homossexualidade da lista de doenças, publicou um estudo no qual demonstrava que esta ‘terapia reparadora’ poderia produzir uma mudança de comportamento.

Trabalho que surpreendeu ao meio científico, que o achou falho, além de moralmente errado. Apesar disso, acabou sendo interpretado e usado por muitos, dentro e fora do meio científico, para a defesa da chamada ‘terapia de reversão ou cura’, e ainda servindo de argumento contra os direitos homossexuais.

Porém, em 2012 a Organização Mundial de Saúde se pronunciou considerando a terapia de reversão uma séria ameaça à saúde e bem-estar, até mesmo à vida das pessoas afetadas. E, mais uma vez, surpreendendo a todos, o Dr. Spitzer, também em 2012, publicou uma carta, na mesma revista em que havia publicado o trabalho, considerando o seu trabalho, anteriormente publicado, falho e sem rigor científico. Segundo ele, embora os dados ali estivessem, foram interpretados erroneamente. “É o único arrependimento que tenho; o único profissional. [...] Eu acredito que devo desculpas à comunidade gay”¹¹.

3. Diversidade Sexual e Estado

Junto com a grande modificação das ciências no modo de entender a homossexualidade, a população LGBTTI foi sendo visibilizada, e passou a: buscar seus direitos para ter uma completa cidadania; lutar para a aprovação de uma lei federal contra a homofobia que começava a crescer; e reivindicar a união de suas identidades, sexualidade e a expressão da fé cristã ¹².

No Brasil o governo vem se esforçando para conceder ao grupo LGBTTI direitos iguais a@ heterossexual, entretanto tem esbarrado em alguns setores da sociedade que trabalham para impedir que isso se concretize. O legislativo encontra grande dificuldade

¹¹ SANTOS, Rosélia. Famoso Psiquiatra pede desculpas por estudo sobre ‘cura’ para gays. *ESPAÇO ÚNICO*. Notícias. 20 de maio, 2012. Disponível em: <http://www.espacounicocriativo.com/2012/05/famoso-psiquiatra-pede-desculpas-por.html>. Acessada em julho/2012.

¹² Grupos que começaram a se formar, dentro de algumas igrejas cristãs e católicas, desejando viver a sexualidade e a sua fé cristã.

para promulgar leis que beneficiem e protejam este grupo. Porém, em 2011, este grupo teve uma vitória que ficará marcada. “Por unanimidade, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu [...] legalmente as uniões entre pessoas do mesmo sexo” (BRIGIDO, 2011, 3). O STF decidiu que a partir daquela data, casais gays teriam os mesmos direitos que estão previstos para os heterossexuais no código civil, diminuindo a desigualdade de direitos entre os dois grupos¹³.

Entretanto, paralela à conquista dos direitos de cidadania, a homofobia cresce no Brasil, trazendo o aumento da violência contra este grupo. “O Brasil é o campeão de crimes contra homossexuais”¹⁴, e as travestis são as maiores vítimas¹⁵. Apesar disso, ainda não se tem uma lei federal contra a homofobia. A PL122/2006 que tramita no Senado, não consegue aprovação devido à pressão dos senadores ligados às igrejas cristãs, com o auxílio de senadores católicos. Há também uma proposta de lei¹⁶ de um membro da bancada evangélica, com o apoio de alguns políticos católicos tentando sustar a portaria 01/99, do CFP¹⁷, que proíbe @ psicólogo@ de realizar qualquer terapia de cura.

4. A subjetividade

Calcados na exposição que fizemos acima, é possível ver como tem sido difícil ‘ciência e religião’ caminharem juntas em relação à ‘diversidade sexual’. Por um lado, as ciências não conseguem unanimidade entre os seus membros. Por outro lado, a religião cristã também não consegue, e a história aponta a dificuldade que a religião tem em aceitar as conclusões científicas, e mostra que seus pronunciamentos favoráveis à ciência, ocorrem, normalmente, séculos depois das conclusões.

¹³ Estamos apenas trazendo ao leitor o conhecimento da decisão do STF. Não temos aqui a intenção de expressar qualquer julgamento quanto a esta decisão.

¹⁴ No último ano foram assassinados 260 homossexuais. A cada dois dias, no Brasil, um homossexual é assassinado. O GLOBO. *Bahia lidera casos de mortes de homossexuais no país*. País. 19 jul. 2011, p. 17. Disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/bahia-lidera-casos-de-mortes-de-homossexuais-no-pais-2713677#ixzz2 0XgdOnQE>. Acessado em julho/2012.

¹⁵ Fobia a travestis. De janeiro a setembro de 2012 há a confirmação de 65 assassinatos, e mais 18 pendentes da confirmação de estarem ligados a crimes de ‘transfobia’. SIQUEIRA, Indinara. Lista de travestis assassinadas em 2012. Denúncia feita pelo grupo FILADÉLFIA/REDTRANS BRASIL. Através o email filadelfiatransgeneras@yahoo.com.br. Recebido em junho de 2012.

¹⁶ Proposta do deputado João Campos (PSDB-GO), líder da Frente Parlamentar Evangélica.

¹⁷ Pl que pretende sustar a proibição do Conselho Federal de Psicologia do psicólogo tratar a homossexualidade como doença.

Em relação especificamente ao Brasil, vemos a homofobia crescer, e as bancadas religiosas trabalharem para não permitirem que passem as leis que possam dar mais segurança, e cidadania a população LGBTTI, e além de lutarem para retirar leis que estão de acordo com o parecer científico. Então, pergunta-se: por que há tanta dificuldade de aceitar o outro como é? O que há por trás desse comportamento?

O filósofo Emanuel Lévinas quando esteve, anos atrás, com alguns ‘teólogos da libertação’, disse que caberia a eles tentar interpretar e aplicar o seu pensamento em prol da América Latina. Movidos por esta inspiração, procuramos buscar no olhar antropológico teológico de Luis Carlos Susin, um entendimento melhor do pensamento de Lévinas sobre ‘subjetividade’ e trazê-lo para a nossa prática.

O descobrimento da ‘subjetividade’ é uma característica básica da modernidade. Como já dissemos, o ser humano é ‘pessoa’, criado à imagem e semelhança de Deus, que o chama a se desenvolver-se como sujeito livre e responsável, capaz de amar (RUBIO, 1989, 249).

A subjetividade está ligada à dimensão interior, à ‘imanência’ da pessoa humana que precisa vivê-la, e criticá-la para, a partir daí desenvolver a sua ‘subjetividade’, abrindo-se à ‘transcendência’. Inicialmente, a subjetividade de todo ‘ser’ é fechada. Na subjetividade fechada ‘o outro é negado como outro’, e na subjetividade aberta, ‘o outro é aceito como outro’ (RUBIO, 2011, 22).

Para Lévinas (2008) a subjetividade imanente, dá-se da seguinte forma: Quando o ser vem ao ‘mundo do ser’, o ‘eu’ sai ao mundo em busca da sua felicidade, mas sempre retorna para si. Este é o seu principal objetivo. Mas, na sua ida ao mundo o ‘eu’ tem dificuldade de reconhecer a alteridade, pois sua ‘subjetividade encontra-se fechada’ para o ‘outro’ por estar na busca da ‘afirmação da sua própria identidade’. Dessa forma, procura reduzir sempre o ‘outro’ a si mesmo, a um igual.

Procurando impedir que o ‘eu’ faça essa redução, e possa se relacionar com o outro, a fim de existirem relações econômicas, foram criadas regras de mediação no ‘mundo do ser’. Essas mediações são regras que visam resguardar ‘um ser’ do ‘outro’, de modo a se realizar o intercâmbio. São as leis de economia, organizadas pelo Estado visando harmonizar os inúmeros eu’s. (SUSIN, 1984, 114)

Mas o ‘outro’ quando não é visto em sua alteridade, e não se consegue reduzi-lo a um mesmo, pode ser percebido como uma ameaça. Se isto

acontece o ser pode passar por cima das mediações, colocando suas próprias condições, e tirar a força da mediação externa. Sem esta intermediação o 'eu' pode anular ou eliminar o diferente. (LÉVINAS, 2008, 34)

Vamos, agora, trazer esta explicação para a nossa reflexão.

@ homossexual é a alteridade não reconhecida pelo 'eu'. Aquel@ que foge ao padrão de sexualidade antropológico ideal que leva à procriação, ao padrão aceito. Por isso é considerad@, de modo geral, abominável, doente.

Dessa forma, de acordo com o pensamento cristão, no qual só os atos sexuais voltados para a procriação podem ser aceitos, a homossexualidade é contra a lei natural, portanto destrutiva, e não está permitindo que a pessoa siga a sua natureza, e a sua especificidade que é encontrar Deus. Então, se negam a aceitar @ homossexual, el@ é pecador@, e para acolhê-l@ será preciso libertá-l@ do seu pecado, transformá-l@ em um@ igual, em um@ heterossexual.

Como vemos, seus interlocutores veem a pessoa como inferior, deixando inclusive de percebê-la em suas outras dimensões, e rejeitando sua alteridade para reduzi-la a si mesmo.

Quando @ homossexual por desejar: 1. ser aceit@, 2. viver a sua fé, 3. ser tratad@ como um@ igual, 4. ter direito de cidadania, aceita se tornar 'hétero', el@ deixa de ser vist@ como '@ outr@', para ser 'igual'. Nesse caso el@ passa a viver dentro dos padrões, e é incluíd@ na comunidade.

Porém, de acordo com as ciências, esta aceitação e 'transformação', quando acontece é: 1. violência a si mesmo; 2. negação da variedade da sua sexualidade; 3. condicionamento à heterossexualidade, 4. negação da singularidade da sua dimensão sexual, podendo lhe trazer sérios desajustes psicológicos, pois é contrária à sua natureza.

Mas, ignorando todas essas questões, esta justificativa passa a ser o grande objetivo de muitas igrejas e movimentos religiosos. Porém, quando @ homossexual não aceita esta proposta, e deseja viver a sua sexualidade com a sua singularidade, experienciar a sua fé, sendo aceit@ como é, el@, mesmo sem desejar, torna-se uma ameaça.

Ao sentir-se ameaçado pela ‘alteridade’, o ser pode ultrapassar as mediações e excluir o diferente através de atos ‘discriminatórios’ abertos e objetivos, procurando anular a sua sexualidade, ou realizando atos que podem chegar à extrema violência e até à morte.

Isto nos mostra uma subjetividade fechada, que não consegue ouvir, ver, sentir ‘o outro’ quando este possui características diferentes de si mesmo.

De acordo com Susin (1984), a reação ao diferente de si é sempre muito forte, e nem o conhecimento científico, nem a crítica e a autocrítica, conseguem transformar o ser porque são elementos do próprio ‘mundo do ser’.

Talvez isso nos ajude a esclarecer porque existem cientistas, que estão sempre contestando o parecer científico em relação à homossexualidade, e não conseguem modificar a sua visão perante este ‘outro’. Da mesma forma, isso é vivenciado pela sociedade latino-americana em geral, e pelas instituições e grupos religiosos. Foram séculos em que este ‘outro’ foi visto como inferior, pecador, como modificar isto?

Diante desta sociedade violenta, deste ser antropologicamente fechado, e voltado para si, Lévinas nos indica que para transformá-lo de ‘diferente do ser’, em ‘melhor que ser’ só existe um caminho: a ética.¹⁸

5. A ética da alteridade

Segundo Lévinas (2008), só a ‘ética da alteridade’ será capaz de levar o ‘ser-para-além-do-ser’, e unir o conhecimento científico, o relacionamento social e religioso, sem ideologia ou mito, e sem verdades universais, totalizadoras, mas transformando o ser humano em um adulto sociável e religioso.

A ‘ética da alteridade’, representada pela quadríade bíblica: o pobre, o órfão, a viúva, e o estrangeiro pode ser a luz para que o ‘eu’ se abra à exterioridade e possa ver a luz do ser. Em nosso caso, esta será representada pelo excluído, o marginalizado, o diferente, o homossexual.

¹⁸MIRANDA, José Valdeinei. *Ética da alteridade* e Educação. UFRS. Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2008. p. 109. Disponível em site: <http://hdl.handle.net/10183/14654>. Acessado em novembro/2010.

Para Lévinas, é diante do face a face, do olho a olho, do choque ocasionado pela alteridade que o ‘ser’ pode se transformar ou não. Diante do diferente, ele tem duas possibilidades. **1.** Rejeitar a alteridade, não transcendendo a si e continuando a ser um vivente. Dessa forma, pode até ser alguém culto, bonito, religioso, ou uma instituição humanizadora ou religiosa, mas não totalmente humanizada, pois permanece cheia de preconceito, praticando atos discriminatórios que podem chegar a forte violência. **2.** A ‘má consciência’¹⁹ começar a se questionar, desconfiada do seu comportamento, provocando um processo de inversão do ‘eu’ de si para o ‘outro’, levando o ser a transcender, humanizando-se pelo desejo metafísico, levando-se pela ética a aceitar a alteridade.

Para Lévinas a ‘ética da alteridade’ é o único meio de se chegar a um ‘humanismo baseado no outro’, pois se trata de “um projeto que visa resgatar a transcendência da libertação do homem pelo homem” (MELO, 2003, 278).

Inspirados na ‘ética da alteridade’, também nós cristãos, baseados no amor incondicional de Deus, através Jesus Cristo, poderemos elaborar um projeto que parta do singular, e tenha como base a ‘pedagogia de Jesus’. Uma pedagogia cuja característica era o contato, a experiência pessoal do dia a dia. Onde Jesus através do face a face, do olhar daquele que estava a sua frente percebia qual a real necessidade, “vendo este ‘outro’ como um ‘ser humano’, ultrapassando a sua condição de pecador”.²⁰ (PRICE, 1980, p. 33). Um projeto educacional-evangelizador que começaria em pequenos grupos nas igrejas e depois poderia se estender pelos mais diferentes espaços sociais.

Considerações finais

Não é fácil em uma sociedade, como a da América Latina, mais especificamente em nosso estudo, a sociedade brasileira, que por séculos foi construída calcada em valores universais cristãos, que supervalorizava o espírito, desprezando o corpo, admitindo a sexualidade apenas para a procriação, perceber que ‘dentro da

¹⁹ Parte da consciência que engana a outra que não deseja se modificar e começa a fazer questionamentos.

²⁰ PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus*. O mestre por excelência. Rio de Janeiro: JUERP, 1980. Disponível em site: <http://pt.scribd.com/doc/2366253/A-Pedagogia-de-Jesus-J-M-Price>. Acessado em 10/14/2011. Acessado em outubro/2011

‘especificidade de cada pessoa humana’, existe a sua própria ‘singularidade’. E que devido a esta singularidade quando uma pessoa tem sua orientação sexual voltada para outras do próprio sexo, forçá-la a ir contra a sua natureza, - a homossexualidade -, condicionando-a a ser heterossexual, é negar ou violentar dimensões tão importantes como a ‘sexualidade’, as ‘emoções’, o ‘psicológico’ etc., podendo provocar danos capazes de comprometer a sua ‘especificidade’ como pessoa: ter sido criada para Deus.

Dessa forma, Lévinas nos sugere a ‘ética da alteridade’ como um projeto de humanização em que se é comandado pelo ‘outro’, e se é capaz de aceitar ‘o outro diferente de si’. Um projeto que pode inspirar o cristão, mas para vivenciá-lo este terá que largar os conceitos, o legalismo, e deixar-se seguir pela liberdade que Jesus teve perante as Instituições políticas e religiosas da sua época, deixando-se penetrar pelo amor incondicional de Deus.

Bibliografia

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

BRIGIDO, Carolina. Contra a discriminação, a lei. Supremo reconhece, por unanimidade, união civil entre pessoas do mesmo sexo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 de março, 2011.

HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. São Paulo: Edições GLS, 1998.

HOUAISS, Antônio (Ed). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

LÉVINAS Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70 Lda, 2008.

MELO, Nélvio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MIRANDA, José Valdeinei. *Ética da alteridade* e Educação. UFRS. Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2008. p. 109. Disponível em site: <http://hdl.handle.net/10183/14654>. Acessado em novembro de 2010.

MONDIN, Batista. *O homem, quem é ele?* Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo: Paulus, 2009.

O GLOBO. *Bahia lidera casos de mortes de homossexuais no país*. País. 19 jul. 2011, p. 17. Disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/bahia-lidera-casos-de-mortes-de-homossexuais-no-pais-2713677#ixzz20XgdOnQE>. Acessado em julho de 2012.

PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus*. O mestre por excelência. Rio de Janeiro: JUERP, 1980. Disponível em site: <http://pt.scribd.com/doc/2366253/A-Pedagogia-de-Jesus-J-M-Price>. Acessado em 10/14/2011. Acessado em outubro de 2011.

RUBIO, Alfonso Garcia. *Antropologia*. Iniciação Teológica. Brasil, Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2011.

_____ *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Cap. I,1. Coleção Os pensadores, São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 2000.

SANTOS, Rosélia. Famoso Psiquiatra pede desculpas por estudo sobre ‘cura’ para gays. *ESPAÇO ÚNICO*. Notícias. 20 de maio, 2012. Disponível em: <http://www.espacounicocriativo.com/2012/05/famoso-psiquiatra-pede-desculpas-por.html>. Acessada em julho de 2012.

SIQUEIRA, Indinara. Lista de travestis assassinadas em 2012. Denúncia feita pelo grupo *FILADÉLFIA/REDTRANS BRASIL*. Através do email filadelfiatransgeneras@yahoo.com.br. Recebido em junho de 2012.

SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico*. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas. Porto Alegre: EST/ Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã*. Aparecida: Ed. Santuário, 2008.